

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES - CH**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG**

**JOSÉ JAIME DO NASCIMENTO**

**DIÁLOGO ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: EDUCAÇÃO  
ÉTNICA RACIAL NA ESCRITA LITERÁRIA DE OLIVEIRA  
SILVEIRA**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2014**

**JOSÉ JAIME DO NASCIMENTO**

**DIALOGO ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: EDUCAÇÃO  
ÉTNICA RACIAL NA ESCRITA LITERÁRIA DE OLIVEIRA  
SILVEIRA**

**Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial para obtenção da graduação em História.**

**Orientadora: Dra. Regina Coelli do Nascimento.**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2014**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**JOSÉ JAIME DO NASCIMENTO**

**DIÁLOGO ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: educação étnico  
racial na escrita literária de Oliveira Silveira**

**Monografia apresentada à Unidade  
Acadêmica de História da Universidade  
Federal de Campina Grande, como  
exigência parcial para obtenção da  
graduação em História.**

**Orientadora: Professora. Dra. Regina Coelli do Nascimento**

Aprovado em 16/04/2014

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regina Coelli do Nascimento (Orientadora)  
(Professora da UFCG)**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juciene Ricarte Apolinário  
(Professora UFCG)**

**Prof.<sup>a</sup> Mestranda Karilene Costa Fonseca  
Programa de Pós Graduação de História – PPGH/UFCG)**

*Dedico esta conquista à minha querida mãe, dona  
Deta. Sou infinitamente grato por ser teu filho.*

## AGRADECIMENTOS

Este é um momento muito importante da minha monografia, é onde eu posso tentar reconhecer e mostrar gratidão a todos que me ajudaram não só a fazer este trabalho, mas os que passaram e alguns que ainda estão fazendo parte da minha vida. Gratidão é pouco para “compensar” tudo que fizeram e ainda fazem por mim, mas esta é a maneira que encontrei de eternizar o meu carinho e a minha consideração por vocês.

Em primeiro lugar, sou infinitamente grato ao Senhor, meu Deus, fonte de mansidão e misericórdia, Pai a ciência não substituiu a fé que tenho em Ti, grato por teu infinito amor e por me acompanhar na jornada da vida.

Aos meus queridos pais, Josefa Maria de Jesus do Nascimento e Francisco Clovis do Nascimento, pelo amor, paciência e admiração por mim. Obrigado pelo investimento material em meus estudos e por acreditarem no meu sucesso profissional.

Aos meus familiares que diretamente contribuíram para minha formação enquanto cidadão.

À Naiara Oliveira, filha de Oliveira Silveira, por ter sido generosa e atenciosa ao disponibilizar algumas das obras sobre o seu pai analisadas na monografia.

À professora Regina Coelli do Nascimento que disponibilizou o seu tempo e aceitou a orientar-me. Obrigado pelas críticas e sugestões que possibilitaram a construção da presente produção. Uma profissional competente, compreensiva, ética que respeita as particularidades de cada aluno. Fica o meu respeito e admiração pelo trabalho desenvolvido em minha orientação.

Agradeço gentilmente à professora Patrícia Aragão da Universidade Estadual da Paraíba, campus de Campina Grande-PB pelas orientações iniciais no curso de especialização de História da África e cultura afro-brasileira da universidade acima mencionada. Sou grato por tudo que fez por mim, esclarecendo dúvidas sobre este trabalho e me ajudando a pensar o sentido desta escrita.

Sou grato à Karilene Costa Fonseca, por está presente nos momentos da escrita desta monografia, me aconselhando com sugestões referente à escolha teórico-metodológica e lendo pacientemente a minha produção.

Agradecido a Adriana Alcântara por colaborar na adequação esta monografia as normas ortográfica e da ABNT. Agradeço também pela paciência que tivera nesse momento decisivo de minha vida acadêmica.

Dedico ao professor Luciano Mendonça, que me inspirou aos estudos da História da África e cultura afro-brasileira. Tenho muito admiração e respeito por este senhor que a sua vida acadêmica aos sujeitos esquecidos na história.

Agradeço também aos meus amigos, Ivone Agra, Jamerson Nascimento, Sylvania Chagas, Andréa Nogueira, Sabrina Kécia, Samara Aquino, Adeilma Rodrigues, Vitória Lima, Edna Claudia, Baíza Soares, Auriane Brito, Paulina Vitor, Márcia Monique entre tantos outros que contribuíram para que esse trabalho de forma direta ou indireta pudesse ser realizado.

Por fim, a todos da UFCG, que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho e para minha trajetória acadêmica, obrigado por me acolherem e por me permitir chegar até aqui.

*À África  
Às vezes te sinto como avó,  
outras vezes te sinto como mãe.  
Quanto te sinto como neto  
me sinto como sou  
Quando te sinto como filho  
não estou me sentindo bem eu,  
estou me sentindo aquele  
que arrancaram de dentro de ti.*

(Oliveira Silveira, 2012, p.138).

## RESUMO

O estudo, ora apresentado, busca o diálogo entre a história e a literatura, a partir do fazer literário de Oliveira Silveira, poeta negro, brasileiro e da consciência negra, do estado do Rio Grande do Sul, conhecido pelo movimento negro como: “*poeta da constelação*”. Trata-se de discutir as poesias deste escritor de forma(s) tensiva(s) sobre os diálogos de sua escrita com a História, na produção literária sobre negros, contextualizando o espaço social nos quais seus personagens estão inseridos. Nesse sentido, o trabalho visa problematizar a escrita literária de Oliveira Silveira com base no debate da inclusão da História Afro-brasileira mediante a Lei 10.639/03. Objetiva também contextualizar os aspectos pedagógicos da literatura de Oliveira Silveira para uma educação étnica racial. Finalmente estudamos algumas poesias deste autor com a finalidade de problematizarmos a sua escrita militante sob o protagonismo do negro na História do Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura, Negro na História, Lei 10.639/03

## ABSTRACT

O trabalho apresentado busca o diálogo entre a história e a literatura a partir de Oliveira Silveira, poeta brasileiro do movimento negro no Rio Grande do Sul, conhecido como "constelação da Poet". Trata-se de discutir as poesias escritas pelo autor em diálogo com a sua história, produção literária sobre negros, socializando o espaço contextualizando os seus personagens. Nesse sentido o trabalho visa problematizar a literatura a partir de Oliveira Silveira em debate da inclusão da história afro-brasileira a partir da Lei 10.639/03. O objetivo também é contextualizar aspectos pedagógicos da obra de Oliveira Silveira em uma educação racial étnica. Finalmente estudamos algumas poesias do autor com a finalidade de problematizarmos o protagonismo negro na história do Brasil.

**Key words:** Literature, History Negro, Lei 10.639/03

**LISTA DE SIGLAS**

IHGB - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

NEAB-I – Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

UFMGs - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FNB - Frente Negra Brasileira

TEN - Teatro Experimental Negro

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I.....	16
OLIVEIRA SILVEIRA: o poeta negro brasileiro.....	16
HISTÓRIA E LITERATURA: A escrita histórica na margem da literatura?.....	19
1.3 Um estudo da escrita literária no “olhar” do campo histórico .....	21
1.4 O fazer literário na margem da História.....	22
1.4 A nova literatura: O negro como personagem principal na narrativa .....	25
1.5 A escrita literária: a vez do negro na História .....	28
CAPÍTULO II .....	32
POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA: uma contribuição para inclusão da cultura afro brasileira e africana para o curriculum escolar.....	32
2.1 Contextualizando a educação no Brasil .....	33
2.2 A lei 10.639/03 para educação étnico racial .....	37
2.3 A escrita de oliveira Silveira .....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
Referencias Bibliográficas .....	49

## INTRODUÇÃO

O tema referente à cultura afro-brasileira vem tomando a cena nos estudos culturais mais recentes, em que se evidencia um interesse crescente dos pesquisadores pelas questões étnicos raciais, como foco para a promoção da igualdade étnica. Despertei o interesse por essa temática, quando ingressei em uma especialização, promovida pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEAB-I organizado pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Tal contato me permitiu tomar conhecimento e refletir sobre os estudos da cultura afro-brasileira, o que me possibilitou relacionar a história dos povos afro-brasileiros com a literatura negra. Assim, neste trabalho será feita uma análise de algumas obras do poeta negro, Oliveira Silveira, escritor engajado na causa do movimento negro.

Essa monográfica trata de analisar a escrita do poeta negro, Oliveira Silveira, que apresenta ao leitor em suas poesias as resistências do negro nas suas narrativas, e influência com efervescência para o debate sobre a lei 10.639/03. A referida lei preconiza que as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, estão obrigadas a oferecerem o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileiro, alterando, O tema referente à cultura afro-brasileira vem tomando a cena nos estudos culturais mais recentes, em que se evidencia um interesse crescente dos pesquisadores pelas questões étnicos raciais, como foco para a promoção da igualdade étnica. Despertei o interesse por essa temática, quando ingressei em uma especialização, promovida pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEAB-I organizado pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Tal contato me permitiu tomar conhecimento e refletir sobre os estudos da cultura afro-brasileira, o que me possibilitou relacionar a história dos povos afro-brasileiros com a literatura negra. Assim, neste trabalho será feita uma análise de algumas obras do poeta negro, Oliveira Silveira, escritor engajado na causa do movimento negro.

Essa monográfica trata de analisar a escrita do poeta negro, Oliveira Silveira, que apresenta ao leitor em suas poesias as resistências do negro nas suas narrativas, e influência com efervescência para o debate sobre a lei 10.639/03. A referida lei preconiza que as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, estão obrigadas a oferecerem o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileiro, alterando, portanto, a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– LDB<sup>1</sup>, que no seu artigo 1º passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. O tema referente à cultura afro-brasileira vem tomando a cena nos estudos culturais mais recentes, em que se evidencia um interesse crescente dos pesquisadores pelas questões étnicos raciais, como foco para a promoção da

igualdade étnica. Despertei o interesse por essa temática, quando ingressei em uma especialização, promovida pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEAB-I organizado pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Tal contato me permitiu tomar conhecimento e refletir sobre os estudos da cultura afro-brasileira, o que me possibilitou relacionar a história dos povos afro-brasileiros com a literatura negra. Assim, neste trabalho será feita uma análise de algumas obras do poeta negro, Oliveira Silveira, escritor engajado na causa do movimento negro.

Essa monográfica trata de analisar a escrita do poeta negro, Oliveira Silveira, que apresenta ao leitor em suas poesias as resistências do negro nas suas narrativas, e influência com efervescência para o debate sobre a lei 10.639/03. A referida lei preconiza que as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, estão obrigadas a oferecerem o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira, alterando, portanto, a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– LDB<sup>1</sup>, que no seu artigo 1º passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B. E por meio do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF, a partir da Resolução Nº 1, de 17 de junho 2004, institui-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana<sup>1</sup>, sentido de compreender a educação para as relações étnicas raciais.

Diante do exposto, este trabalho objetiva analisar as poesias de Oliveira Ferreira da Silveira, militante do grupo palmares, que reivindica os direitos dos remanescentes de quilombos e negros, “a luta contra o racismo e a desigualdade social”. Suas poesias são reflexões das lutas do movimento negro, pela inclusão do negro na História.

Passamos a analisar a obra de Oliveira Silveira pelo fato de perceber que o autor tem um fazer literário diferenciado, pois escreve a história do povo afro-brasileiro, ao mesmo tempo é possível identificar que ele está educando para as questões étnico-raciais. Nesse sentido, podemos afirmar que sua escrita aponta para questões que posteriormente são contempladas na lei 10.639/03, porque desde 1962, com o poema germinou, Oliveira Silveira já problematizava as questões étnico-raciais. A lei 10.639/03 vem preconizar o ensino obrigatório de história da África e cultura dos povos afro-brasileiros em escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, de forma que apresente a referida cultura aos alunos do fundamental e médio, sem que ela esteja presa ao viés do dominador. Diante disso, percebemos que Oliveira Silveira desde sua primeira publicação em 1962 vem escrevendo

---

<sup>1</sup> A referida lei está disponível no site [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm) acesso em oito de novembro 2013.

sobre o negro, sujeito dono de si, aquele que resistiu aos castigos, fugiu, não é dócil nem passivo, tampouco pacífico, é belo e astucioso, o autor está desvencilhando da escrita secular marcada pelo racismo e a negação do povo negro. Então ao exaltar as características do povo negro, suas práticas, sua cultura, ele está educando para as questões étnico-raciais.

A obra de Oliveira Silveira trata de afirmar a resistência negra e os personagens licenciados pela história dos “vencidos”. Nessa perspectiva, pretendemos compreender o diálogo que a história tem na produção literária de Oliveira Silveira, contextualizando as poesias deste autor, com uma discussão interdisciplinar. De acordo com Chartier, a “*relação entre literatura e história pode ser entendida de duas maneiras. A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos*”, (p.17), e a segunda maneira, “*a relação entre história e literatura, a escritura do livro de literatura, organizando a ordem do discurso em histórico*”, (p.18)<sup>2</sup>. Assim, é possível discutir a poética de Oliveira Silveira, como tensiva(s) comunicação com a literatura. Desse, modo, creditamos que a História cultural seja um dos caminhos para que se faça essa discussão, haja vista que emergem dessa abordagem os estudos com a literatura no campo historiográfico.

Vale salientar que pela demanda social da cidade e região, esta monografia é um desdobramento da História Cultural visando estudar os aspectos teórico-metodológicos que fomentaram o fazer literário do poeta Oliveira Silveira em ações afirmativas, assegurando uma memória histórica e uma identidade multicultural dos negros. De acordo com Marly Rodrigues:

Negar o direito à memória é, ao mesmo tempo, não reconhecer o grupo ao qual está relacionado o bem cultural e não apoiar os processos desenvolvidos no interior destes grupos no sentido de se reconhecerem como construtores da História. (RODRIGUES, 1995, p. 199).

Diante do exposto, objetivamos reconhecer as diversas vozes negras das poesias de Oliveira Silveira, identificando-as como construtores socioculturais na formação da identidade brasileira. Para isso, selecionamos algumas poesias a serem analisadas: anotações à margem: *Modelo da cor escura e Linda la negra*, Banzo, saudade negra: *Negro só sabem fazer* e Roteiro dos Tantãs: *encontrei minhas origens* e Resgate e Poemas de liberdade: *poemas sobre palmares*. Propomo-nos examinar estas poesias com o objetivo de refletir as diversas vozes negras que soam nas poesias deste autor e nos debruçamos por uma escrita que

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural, Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

visa refletir acerca da produção de Oliveira Silveira, o diálogo da história com a literatura, nos aspectos socioculturais, evidenciando as características educativas de suas poesias para ascensão da identidade étnica racial, refletindo como se constitui a representação dos escravizados em sua obra e apresentá-los na escrita monográfica a agentes históricos, como de fato são.

No primeiro capítulo procuramos discutir aproximação entre a História com a literatura na produção de uma escrita histórica, revisitando outros teóricos da literatura que são analisados por historiadores, com o fomento de compreendermos o contexto histórico da produção mais recente da academia, sob o diálogo da história com a literatura. Além disso, buscamos analisar o *metier* de Oliveira Silveira, enfatizando os aspectos pedagógicos em suas abordagens na tentativa de uma educação para a promoção da igualdade étnica-racial, estudando os cerne que influenciaram a escrita do autor.

No segundo capítulo investigamos acerca da inclusão da história do negro a partir da lei Nº 10.639/03. Propomos um debate constante na sociedade sobre obrigatoriedade da inclusão da História do Negro no Brasil no debate historiográfico. Além disso, analisamos as poesias de Oliveira Silveira, que apresentamos no início do texto, com o propósito de articularmos a escrita histórica com a literatura, sobretudo os personagens de Oliveira Silveira à margem da História, e, assim, ressignificamos esses sujeitos a atores principais na construção da História do Brasil. Finalizamos a pesquisa monográfica com as considerações finais, nas quais expomos nosso parecer quanto ao *metier* do historiador, as imprecisões e conclusões acerca da importância deste trabalho para as discussões acadêmicas e o retorno à sociedade, que é o principal intuito desta monografia.

Para tanto, propomo-nos a investigar a natureza histórica dos acontecimentos das obras de Oliveira Silveira, em sua poesia, assim, ressignificando e valorizando fontes e metodologias de outra ordem, que possibilitam a realização de um recorte para análise do processo de afirmações da identidade negra a partir da literatura. De tal modo que a monografia visa consolidar a investigação sociocultural na área das ciências humanas, pretendendo ser uma atividade de pesquisa que contribua para a interdisciplinaridade, sobretudo no estudo da literatura de Oliveira Silveira, para com isso, compreendermos melhor sobre a pessoa do escritor e a contextualização de sua escrita militante.

## CAPÍTULO I

### OLIVEIRA SILVEIRA: o poeta negro brasileiro



A imagem acima é de Oliveira Silveira, o qual foi um poeta de escritura engajada no movimento negro, de um perfil militante no que se trata de sua função social. Como situa Naiara Rodrigues Silveira, filha do escritor, que muito nos ajudou na construção do perfil de seu pai<sup>3</sup>, *“meu pai é um grande poeta que escrevia além dos seus egos, pensava sempre no outro, de que forma sua escrita poderia ajudar na igualdade racial, portanto, o tenho como exemplo de luta”*. Percebemos na fala da filha do escritor supracitado no texto que ele trata de um personagem político, engajado em uma causa social, que conjecturava criar espaços mesmo que na literatura, em que o negro apareça como personagem principal do enredo, e ativo do processo histórico.

Oliveira Ferreira da Silveira nasceu<sup>4</sup> em 1941 na área rural de Rosário do Sul, município do estado do Rio Grande do Sul. Filho de Felisberto Martins Silveira e de Anair Ferreira da Silveira, Oliveira graduou-se em Letras – Português e Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Foi pesquisador, historiador, Poeta, e um dos idealizadores da transformação do 20 de novembro, no dia da consciência negra no Brasil.

Na década de 1970, entre o fogo cruzado da ditadura militar surge o Grupo Palmares, composto por gaúchos que se reuniam com a proposta de estimular o Brasil a discutir sua identidade negra e a influência do racismo no país. Pensando nisso, Oliveira Silveira

---

<sup>3</sup> De acordo com: <http://www.oliveirasilveira.blogspot.com.br/> acesso em vinte de dez.2014.

<sup>4</sup> Texto baseado no site: <http://www.palmares.gov.br/2013/12/personalidades-negras-oliveira-silveira/em> acesso em vinte de dez. 2014

mergulhou em uma pesquisa profunda e detalhada sobre a história do negro<sup>5</sup> no Brasil e o processo de resistência deste povo que nunca aceitou esta subjugação. Durante as pesquisas se deparou com a história do Quilombo dos Palmares, a resistência ao processo de escravização, o Líder “Zumbi do Palmares” e a data do seu assassinato, 20 de novembro.

Como escritor e poeta, publicou várias obras como, “Bandone do Caverá” e 1986. “Praça da palavra” em 1962, “Germinou” em 1962, “Anotações à margem” em 1967, “Poemas Regionais” em 1968, “Banzo, Saudade Negra” em 1970, “Décima do Negro Peão” em 1974, “Pelô Escuro” em 1977, “Cinco Poemas em Cadernos Negros 3” em 1980, e “Orixás- pintura e poesia” em 1995 . Participou ainda de uma coletânea de autores negros publicada na Alemanha e teve poesias registradas em revistas de universidades da Virgínia e da Califórnia, nos Estados Unidos.

Oliveira Silveira se considerava negro misto<sup>6</sup> por ser filho de mãe negra e pai branco, por ser parte de dois grupos étnico, branco e negro, o poeta resolve se titular como misto, embora em alguns momentos vá predominar em sua fala e escrita a identificação de poeta negro. Isso é decorrente da postura política que Oliveira Silveira assume para sua militância pela igualdade racial, se debruçou sobre uma literatura reflexiva, que apresentava os negros a sujeito, a partir de um posicionamento aberto, diletante e com caráter de denúncia, ao mesmo tempo em que, enquadrava o afro-brasileiro como agente ativo, ou seja, responsável por elaborar sua história. Oliveira Silveira foi militante do Movimento Negro, escritor e intelectual que escrevia na perspectiva de afirmar a cultura de seu povo, e a partir da escrita acabou contribuindo para a construção de outra identidade para os afro-brasileiros, mas uma identidade que parte do princípio de exaltação da cultura e da história deste povo, que por tempos foi relegada a marginalidade. Pode-se dizer que a escrita de Oliveira Silveira parte de uma denúncia e que tem a pretensão de atuar como mecanismo de inserir e dá dignidade a população negra na sociedade brasileira.

O poeta lutou pela inclusão dos negros nos diversos espaços da sociedade: na educação, emprego, na arte; na literatura, mídia e política. Lutou pelo respeito às diferenças e pela igualdade de direito. Ele foi o poeta da consciência negra. Oliveira morreu no dia 1 de janeiro de 2009, mas sua memória permanece viva, e não viu seu sonho realizado, “igualdade racial”, não desfrutando da liberdade plena tão sonhada, mas deixou seu legado, a escrita em que o

---

<sup>5</sup> A evocação da data foi lançada nacionalmente em 1971 pelo grupo Palmares. Em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial dá ao 20 de novembro a denominação de Dia Nacional da Consciência Negra.

<sup>6</sup> Por ser filho de pai Felisberto Martins Silveira, branco brasileiro, de pais uruguaio e mãe Anair Ferreira da Silveira, Negra brasileira, de pais negros do Rio Grande do Sul.

negro é agente social e participante da construção sociocultural da sociedade brasileira. Esse é o Oliveira Silveira, um escritor, poeta que é considerado por seus pares o grande poeta brasileiro.

### 1.1 Essa poesia fala de negros: a escrita de Oliveira Silveira

A escrita de Oliveira Silveira resulta também de sua militância no Movimento Negro a favor da afirmação da negritude. Isso é observado em toda contextualização de sua obra, onde o poeta expressa em sua escrita literária o negro como sujeito da ação, de voz ativa e resistente. Na obra, ele dá voz ao negro, ao mesmo tempo em que advoga em favor das lutas históricas. Com isso, promove a abertura de espaços de diálogos para a problemática negra, buscando, assim, afirmar o negro e sua cultura enquanto tal, tomando por base os elementos constituídos historicamente pelos povos afro-brasileiros:

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública. (PROENÇA, 2004, p. 176).

Como foi discutindo por Proença, a presença negra na História do Brasil, na literatura, na arte e outras áreas afins, ganhou destaque a partir dos escritores negros na década de noventa, interessados em afirmar em suas obras a condição do sujeito negro enquanto agente de transformação da realidade brasileira. E na atualidade vozes continuam engajadas na literatura negra, tentando marcar a tomada de consciência, tanto de intelectuais como dos próprios afro-brasileiros para as questões étnicas, e veem nesse momento como um meio para afirmarem-se e comprometerem-se com as problemáticas que discutem a negritude brasileira. Desse modo, a literatura apresenta-se como um mecanismo garantidor de resistência e afirmação do negro, no sentido que o afro-brasileiro reconheça-se como tal, afirme à identidade cultural, de forma que a exaltação da cultura de seu povo possa ser expressa com orgulho, sem que, para isso, ele esteja carregando um peso, ao se reconhecer enquanto negro. Ao valorizar sua etnia, ao mesmo tempo, está referendando sua condição de ser humano.

É na perspectiva de valoração da etnia afro-brasileira que passamos a analisar as obras de Oliveira Silveira, nas quais foi possível perceber um posicionamento simpático, comprometido e engajado com a problemática e temática negra. Pode-se entender que o intuito do poeta é afirmar o negro enquanto cidadão. Nesse sentido, a obra parte de uma perspectiva de denúncia, em que estabelece críticas à sociedade brasileira, que ainda preserva resquícios da cultura escravista. Diante deste posicionamento, é que Oliveira Silveira busca legitimar e integrar o negro ao meio social e econômico, para tanto, exaltando suas condições positivas, contrapondo-se aos estereótipos e aos distanciamentos produzidos na história.

### **HISTÓRIA E LITERATURA: A escrita histórica na margem da literatura?**

Acreditamos na possível relação entre história e a literatura, contudo, ressaltamos que, cabe ao historiador quando analisar este gênero, deter-se em seus aspectos históricos, pois é sabido que a produção literária faz parte de um contexto e está polvilhada de interesses. Nesse sentido, Roger Chartier afirma que a relação entre literatura e história “trata-se também de considerar o sentido dos textos como resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão” (1999 p. 13,1997).

Pretendemos destacar a relevância do diálogo que vem sendo empreendido entre história e literatura. É por meio dessa nova linguagem que os posicionamentos do historiador têm-se ampliado, enriquecendo as produções historiográficas. Esta nova linguagem, caso específico, a literatura, representa as transformações ocorridas no mundo, levando em consideração a via poética, além de está oferecendo ao historiador uma nova possibilidade de documentação. Nessa última perspectiva, o historiador social Nicolau Sevcenko enquadra a literatura “antes de mais nada, a um produto artístico, destinado a agradar e a comover”. Em resumidas palavras, o historiador social considera as obras literárias como um texto ficcional, categorizando-as como simples fontes, diante das quais o historiador não deveria fazer reverência.

A recomposição do passado que acontece na literatura é quase sempre falaz. A verdade literária é uma, a verdade histórica é outra. Mas, mesmo que esteja repleta de mentiras – ou melhor, por isso mesmo –, a literatura conta uma história que a história, escrita pelos historiadores, não sabe nem pode contar. (LLOSA, 2004, p. 20)

Guiando-nos na citação de Llosa, percebemos que há distinções entre a escrita da história e da literatura, mas um fato relevante que as distingue, é que, para que se tenha uma produção historiográfica o historiador precisa estar ancorado na investigação dos fatos históricos. Já os literatos possuem maior liberdade de criação e menor preocupação empírica, embora, a literatura tenha competência de elaborar obras que se aproximem da realidade. Tal oposição faz a história afastar-se da ficção.

A escrita histórica se faz com documentos e a problematização destes os quais permitem que os historiadores tracem suas próprias interpretações do passado. Quando se trata de documentação histórica, não nos referimos apenas aos escritos, existem inúmeras formas de compreender o passado sem necessariamente ficarem restrito as fontes impressas. Para isso, o historiador utiliza de outras fontes para contar a história como: a cultura material e imaterial<sup>7</sup>, fontes orais e etc. Nesse contexto, a literatura, embora seja uma produção escrita, é encarada como uma nova linguagem, em que se permite ao historiador ampliar seu campo de investigação.

O que não se pode perder de vista é que a história não trabalha com a perspectiva de encontrar uma verdade, as verdades são encaradas a partir das fontes. O historiador trabalha com a verossimilhança e ao mesmo tempo produz sua narrativa histórica convincente. Assim, o historiador, tem a função de contextualizar no presente fatos vividos no passado. Nesse direcionamento, a literatura funcionaria como o meio condutor.

É sabido que obras literárias têm seu caráter ficcional e artístico, contudo isso não impede que sejam utilizadas como fonte para o estudo da história, uma vez que, a produção literária apresenta a visão do autor inserido no tempo e espaço na qual a obra foi viabilizada. Nela, podem-se reproduzir as tensões sociais e, por conseguinte, inúmeros interesses em voga, os quais o meio oferece. Caracteriza uma obra como ficcional, pelo fato do autor ter a liberdade para criar a trama, embora as personagens sejam criações, estas não estão totalmente avulsas do contexto histórico. Elas vêm carregadas de valores e de práticas culturais disseminadas cotidianamente. Vale ressaltar, que as obras literárias terão sua significativa

---

<sup>7</sup> Assunção Barros discute em seu livro, o “Campo da história: Especialidades e abordagens”, que as fontes materiais são documentos diversos e objetos tais como: ferramentas, armas, livros, máquinas, monumentos, casas, inscrições rupestres, documentos de todos os tipos, incluindo jornais, revistas, etc. Fontes imateriais são as tradições, costumes, lendas, ritos, leis, normas, folclore e música. A oralidade também é uma fonte imaterial. (BARROS, 2004).

importância, a partir do momento, que o historiador dê a devida atenção a esta produção como documento histórico.

Como foi explicitado no decorrer do texto, acreditamos na plausibilidade da discussão do Historiador com a escrita literária, pois cabe ao pesquisador problematizar as suas fontes e interrogá-las, haja a vista que produção “ficcional” é reflexo das observações do cotidiano, imprecisões que escritor faz do meio em que está inserindo, tratando de contextos históricos dos personagens evidenciados.

### 1.3 Um estudo da escrita literária no “olhar” do campo histórico

Para evidenciar a relevância da literatura como fonte histórica, iremos utilizar algumas poesias de Oliveira Silveira, apresentando o diálogo entre história e a literatura na obra deste autor. Para tanto, não se furtará a ideia de que a literatura não seja digna de estudos da historiografia, pois as obras literárias têm muito a expor sobre o contexto histórico e sociocultural no qual foi produzida, isso porque, [...] *nenhuma obra literária pode prescindir do sujeito ou do mundo onde ela está inserida* (BATISTA *apud* LIMA, 2013, p.04). Batista ainda acrescenta:

[...] Em texto relativamente antigo, pois remonta ao ano de 1958, ele é o primeiro a defender a idéia, no Brasil, de que a literatura é eminentemente social, e isto independente do nível de consciência que possam ter, a esse respeito, tanto os seus produtos quanto os seus receptores, valendo lembrar que, em *Cândido*, essa idéia não é válida apenas para a literatura e sim para qualquer forma de expressão artística. Daí ele opinar que a investigação sobre a obra de arte, incluindo a literatura, deve estar atenta para as seguintes indagações: em que medida a arte expressa o social? Em que medida a influência? Isto porque, para o referido crítico, o problema artístico é social em dois sentidos: “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em grau diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando o sentimento dos valores sociais (BATISTA *apud* CANDIDO, 2013, p.04).

Nesse sentido, ficou evidente que a criação literária do autor possui certa liberdade para dar voz a seus personagens onde se atribui caráter ficcional a produção. Mas vale salientar que os personagens não estão completamente desprendidos do mundo real e das experiências emocionais ou afetivas de quem a produz. Diante disso, pode-se afirmar que cada obra está

envolta de valores disseminados pelas múltiplas práticas culturais do sujeito, ao qual o contexto histórico o permitia produzir. Assim:

[...] Não é o enredo que decide a verdade ou a mentira em uma obra de ficção. Senão que ela seja escrita, não vivida, que seja feita de palavras, e não de experiências concretas. Ao traduzirem em linguagem, ao serem contados, os fatos sofrem uma profunda modificação. (LLOSA, 2004, p. 14).

Como analisou o escritor da citação acima, uma obra literária caracteriza-se por apresentar personagens muitas vezes inventadas, nem sempre os fatos contados são fiéis a uma realidade, mas se pode dizer que a literatura em certo grau refaz a realidade. Com isso a literatura pode valer-se de criações, contudo, o autor pode associar características de seus personagens à de sujeitos do mundo real. Construindo, com isso, o enredo a partir de experiências vividas. De acordo com Llosa, “*Se entre as palavras e os fatos existe uma distância, entre o tempo real e o da ficção existe um abismo*” (2004, p. 15). É diante desse abismo, entre palavras e fatos, que a história se diferencia da literatura, esta pode utilizar em suas narrativas a imaginação e a fantasia, já a escrita da história está atrelada e sedimentada a documento, a pesquisa e a métodos históricos.

A literatura tem seu caráter ficcional e não está preocupada em provar a verdade dos fatos. Ela centra-se na capacidade de persuadir o leitor, por meio da magia e da ilusão. Por isso, que o enredo da obra não está desvinculado das experiências humanas, nas quais se fortalece e se alimenta. A partir da escrita literária podemos ter uma compreensão sobre o contexto social e histórico que os personagens estão envolvidos, talvez não como foram, mas que deveriam ter sido, pensados a partir do autor.

#### **1.4 O fazer literário na margem da História**

Algumas obras literárias, entre elas, a produzida por Oliveira Silveira, têm um posicionamento edificante e de uma moral social, em que volta seu olhar para a construção de uma História do povo negro que não foi registrada nos livros históricos. A poesia de Oliveira Silveira foi tomada como base para este estudo, pelo fato de ela está marcada por inúmeras imagens sobre a figura do afro-brasileiro, onde contextualiza desde a captura dos africanos nos rincões da África até as várias formas de resistências e trabalho empreendidas no novo mundo.

A literatura produzida por Oliveira Silveira está marcada pelo engajamento social em respeito às questões étnico raciais, é resultado de sua militância atuante no movimento negro

no Rio Grande do Sul. Ele absorve e observa a cultura africana e Afro-brasileira. Por isso a África está dentro de Oliveira Silveira, na qual foi retratada no livro “Roteiro dos Tantãs” (2012, p.136):

Encontrei minhas origens  
em velhos arquivos  
livros  
encontrei  
em malditos objetos  
troncos e grilhetas  
encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros  
encontrei  
em doces palavras  
cantos  
em furiosos tambores  
ritos  
encontrei minhas origens  
na cor da minha pele  
nos lanhos de minha alma  
em mim  
em minha gente escura  
em meus heróis altivos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei.

Dessa forma, ele passa a expressar o seu reconhecimento enquanto negro por meio da literatura, de forma diletante e densa, em que abarca outros valores para os povos de matriz africana, denunciando as diversas vozes de negros que resistiram ao processo de escravidão. Apresentando sua origem e o trajeto do seu povo nos porões dos tumbeiros, as ressignificações culturais que foram trazidas pelos negros, embora em situações calamitosas dos imundos navios, sobreviveram as raízes africanas. O poeta se ver nessas memórias, pois ali estão as raízes de sua família, nas memórias desses povos que a história tradicional almejou a esquecer, no entanto, escritores como Oliveira Silveira não permitiram.

Suas poesias apresentam o negro como agente social, sendo assim, retratando seus personagens a sujeitos construtores da História e não objeto de estudos. Alvaro Hattner afirma em seu trabalho que:

[...] da produção literária afro-brasileira, com especial atenção às proposições teóricas de Damasceno (1988) e Bernd (1988). Divergindo ligeiramente dessas autoras, propõe-se a noção de que a literatura negra é aquela escrita por autores negros, com a visão de mundo e a experiência de sujeitos históricos que se reconhecem e se afirmam como negros. Nesse sentido, a eficácia estética da literatura negra estaria diretamente

relacionada às formas de percepção do mundo e aos valores de uma experiência negra (2009, p. 1).

Diante do exposto, salientamos que escrever e apropriar-se da temática que contempla os estudos dos afro-brasileiros, não é um ofício apenas de escritores e estudiosos negros. As experiências constituídas historicamente daquele que escreve ou fala têm propriedade identitária. E a partir de sua afirmação, estão criando um campo de força que os protejam e os permitam difundir os valores das experiências negras. Para isso, nos debruçaremos sobre a obra de Oliveira Silveira, buscando, assim, observar seu posicionamento para a valorização dos povos afro-brasileiros e o papel de sua poesia para a promoção das relações étnico-raciais.

Compreendemos que a literatura negra no Brasil ou literatura afro-brasileira faz parte de um conjunto de produções literárias, no qual seus escritores estão comprometidos em discutir a problemática dos povos excluídos, os negros. Entendemos que tais estudos independem de se reconhecer enquanto negro ou não. No entendimento de Lima a literatura que fala do negro tem a função social de lutar contra o preconceito e reafirmar a cultura afro-brasileira. Como diz (2009, p. 72):

A literatura e a arte negra em geral estão sim, a serviço de uma luta contra o preconceito, mas a sua riqueza ultrapassa o âmbito do engajamento e segue por uma série de inovações estéticas que mostram de maneira criativa o orgulho que o afro-brasileiro tem de suas origens, de sua religião, de sua cultura, de sua sexualidade. Acerca deste engajamento, Luciano Rodrigues Lima cita em seu artigo Poesia negra contemporânea: O redescobrimento do Brasil: O engajamento de um poeta negro (como o de qualquer poesia), contudo, não precisa ser explícito. O poeta consciente da negritude não precisa estar restrito aos temas de denúncia, ou do “lamento da senzala”. Ele é alguém que amam, sofre, reage, como qualquer cidadão de seu tempo. O poeta e o cidadão são entidades diferentes, no plano estético, mas essas duas entidades estão interrelacionadas.

A literatura, portanto, que apresenta o negro como protagonista alguns aspectos devem ser levados em consideração, um deles é: não correr o risco de reduzir a escrita literária negra a produção exclusiva do negro. Nessa perspectiva, Benedita Gouveia Damasceno (1988) afirma, bem como outros estudiosos da temática, que é plenamente possível elaborar uma “literatura negra de autoria branca”. Seguindo esse mesmo posicionamento, Jorge de Lima alerta que, se a literatura negra for produzida só por negros e seus descendentes, “*corre o risco de redução da literatura afro-brasileira ao negrismo*” (p.3).

A literatura é uma arte, independente de quem a produz, seja negro ou branco, o que está em debate é a problemática e a temática da negritude, ao fim e ao cabo, a literatura é brasileira, ela não tem cor. O que deve ser evitado são as produções literárias destoantes das normas, procedimentos e estilos que regem a escrita literária. Nesse sentido, Proença “entende que é muito mais pertinente e apropriado, por força mesmo do propósito de afirmação da etnia, que, em lugar de literatura negra se defenda a referência à presença do negro ou da condição negra na literatura brasileira”, (2004, p. 188). Atribuir a produção literária ao sujeito negro como um pré-requisito para escrever a literatura deles, pode não ser o melhor posicionamento para descrever a dinâmica social desse povo. O problema surge quando não é permitido dá outras possibilidades de contar esta história, independente de quem dela se aproprie. O que estamos pretendendo estabelecer como discussão é a interação social, onde o escritor estabelece o contato com a temática e, por meio desse, buscar validá-la. Nossa pretensão é contar os fatos históricos por meio de diversos anunciadores. Nesse caso, a literatura negra seria uma anunciadora da história dos povos afro-brasileiros, em que se atribuiria a esta, o epicentro histórico.

#### **1.4 A nova literatura: O negro como personagem principal na narrativa**

O intuito desta nova literatura é apresentar o negro como sendo agente social e cultural, sem que para isso esteja atrelado às imagens do escravismo, do trabalho extenuante e a estereótipos negativos. Essa nova proposta literária consiste na ressignificação da cultura afro-brasileira, atribuindo, assim, voz a esse povo, a partir da discussão da temática. Desse modo, é por meio dessa literatura que as antigas teses as quais afirmavam a inferioridade dos negros estão ruindo, pois por meio dessa nova perspectiva, o afro-brasileiro está sendo representado enquanto tal. No que se refere a literatura negra, Ianni ressalta:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de uma momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por *dentro* e por *fora* da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, p.1).

A literatura Afro-brasileira está em construção, ela não foi pensada e colocada em prática em toque de mágica, embora haja estudiosos que ainda questionem sua existência. Mediante tal dúvida, pode-se afirmar que ela não só existe como vem produzindo frutos e levantando novos questionamentos para a temática negra, rebatendo, assim, dúvidas sobre este tipo de produção literária. Na concepção de Duarte, a produção literatura que contempla a temática afro-brasileira vem tornando-se constante nos debates históricos na atualidade, (2008, p.1):

[...] ela tanto é contemporânea, quanto se espraia pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afrodescendente da língua portuguesa – Úrsula – no mesmo ano de 1859 em que Luz Gama publica suas trovas burlescas... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.

Nesse sentido, observamos que algum tempo a literatura negra brasileira vem assinalando seus registros na história. O próprio Luiz Gama, acima citado, já anuncia novos horizontes para a literatura afro-brasileira. Em suas poesias trabalha sobre uma nova perspectiva da escrita da história do povo negro, em que se utiliza da sátira. Ele inverte o papel dos estereótipos pessimistas atribuídos aos negros. Mesmo no século XIX, período de construção da identidade brasileira com Instituto Histórico e Geográfico do Brasil-IHGB, momento de efervescência da história pessimista em que colocava o “branco” a protagonista da História do Brasil, porém, mesmo neste período, Luiz Gama já demonstrava engajamento com temas que discutiam a negritude. Isso é observado em 1859, ano que se publica o livro de poemas, “*Primeiras trovas Burlescas*”, as poesias que compõem o livro trazem o negro como sujeito da ação, a partir do posicionamento afirmativo da negritude.

Nessa perspectiva, o escritor Machado de Assis também retratou a negritude, embora alguns teóricos da literatura pesem dúvidas e críticas acerca da escrita deste, a respeito do negro de fato ser protagonista em sua produção, acreditando que esses sujeitos são resumidos a mero coadjuvantes. Na contramão desse pensamento, os pesquisadores contemporâneos afirmam que Machado possuía perfil dos estudos das questões da negritude, mas só estavam presentes de forma dissimulada. Assim, de acordo com SCARPELLI (2006, p.351-354):

O escritor Machado de Assis, em sua época, foi vítima de discriminação racial e durante muito tempo críticos acusaram-no de adotar a política do próprio branqueamento em referência a sua opção de, segundo esses mesmo críticos, omitir em suas

obras questões que envolvessem “(...) a problemática do escravagismo (...)” e (...) após análise de terminados contos de Machado de Assis, o tema da discriminação racial não só aparece como também é denunciado por ele, e a abordagem e a denúncia nem sempre estão explícitas, mas se apresentam “(...) em fragmentos, de forma recôndida ou sublimada”.

O escritor Scarpelli compreende que a temática afro-brasileira estava sendo discutida por Machado de Assis, no que diz respeito à discriminação racial, abordada categoricamente pelo autor. Embora Machado de Assis tenha escrito a partir de uma linguagem subliminar e disfarçada, mas que consistia em promover uma contraposição às condições vivenciadas pelos negros. Já em Luiz Gama encontramos um militante que tratou de forma mais aberta a temática afro-brasileira enfatizando-a, afirmando-a e questionando as linguagens que a desqualificava.

Seguindo os preceitos de Duarte, o qual discute com Ianni, quem poderia retratar a temática negra: *“é necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população”*, (2008, p.02). Escrever sobre a literatura negra não é apenas tomar o ser negro como sujeito principal, se considerarmos apenas este aspecto, partiremos de um campo de visão restrito, uma vez que, a literatura negra também pode ser produzida a partir das representações sociais, culturais e artísticas dos povos afro-brasileiros. De acordo com as reflexões de (PEREIRA *apud* DUARTE 2008, p. 2):

Aponta o risco dos critérios étnico e temático funcionarem até como “censura prévia” aos autores negros e não-negros. Em seguida, o ensaísta defende a adoção de um “critério pluralista”, a partir de uma “orientação dialética”, que “possa demonstrar a literatura Afro-brasileira como uma das faces da Literatura Brasileira – esta mesma sendo percebida como uma unidade constituída de diversidades”.

Diante do exposto, a literatura afro-brasileira é o cerne da discussão, sobretudo quando estamos nos referindo à temática negra, estamos trazendo à tona as tradições culturais afro-brasileiras, a religiosidade, a oralidade dos griots<sup>8</sup>, os heróis – Ganga Zumba<sup>9</sup> e Zumbi<sup>10</sup>, a diáspora, a escravidão, mitos, lendas e histórias. A partir desses elementos, a literatura negra caminha pela perspectiva do enfrentamento, da polemização e da discussão da temática do afro-brasileiro, conduzindo os estudos a recompor um passado de luta e resistência, como

<sup>8</sup> Nos grupos negros oriundos da África identificavam os idosos por gritos, por estes de acordo com suas tradições serem sujeitos detentores das tradições.

<sup>9</sup> Foi o líder de quilombo palmares.

<sup>10</sup> Zumbi substituiu Ganga Zumba após sua morte na liderança dos negros no quilombo de palmares.

mecanismos de não enquadramento na redoma do cativo. Assim, o resgate desse passado de luta promovido pela literatura negra, configura-se como uma recusa a negar-se ao apagamento da história e da cultura desse povo, as quais, por centena de anos, fora, esquecidas e condicionadas à marginalidade.

## 1.5 A escrita literária: a vez do negro na História

Para entendermos os posicionamentos divergentes, é preciso retrocedermos ao século XIX e compreendermos que nesse período histórico o negro e sua cultura não eram contemplados pela literatura, isto é, o negro não era visto como sujeito e a cultura não era digna de ser exaltada, pelo contrário, as manifestações e elementos que remetiam à origem africana eram marginalizados, estereotipados e negados. Sabemos que no século XIX os elementos do homem branco eram exaltados como sendo superiores, ou seja, a cor da epiderme clara determinava quem era o dominador. Vale ressaltar, que a construção literária não foge do tempo da produção, ela é marcada pelos interesses de quem a gesta e para quem está sendo produzida.

A produção literária e histórica tanto não fogem do tempo de produção, quanto produzem efeitos distintos na temporalidade. No momento atual, a partir das ações promovidas pelo movimento negro, ações afirmativas e grupos engajados com a temática negra para promoção da igualdade étnico racial, a história do povo afro-brasileiro está sendo recontada a partir de outro viés, contrária ao século XIX. Nessa nova perspectiva, o negro brasileiro passa a ter voz, cultura, consciência, cidadania e história. De acordo com Proença, *“A prevalência da visão estereotipada permanece dominante, aliás, na literatura brasileira contemporânea, pelo menos até os anos de 1960, quando começam a surgir, paralelamente, textos compromissados com a real dimensão da etnia”*, (2004, p. 166).

A luta do povo negro é para o reconhecimento de cidadão, inicialmente fora promovida pelos movimentos negros e grupos engajados com a temática, na busca da promoção para a igualdade étnica racial, no século XXI tomou proporções de maior amplitude. No atual momento, a literatura negra integra-se a políticas públicas de ações afirmativas, no sentido de promover problemáticas que discutam a desigualdade referente a questões étnicas. O papel que se pretende desempenhar com as políticas públicas afirmativas parte da perspectiva de compensar o déficit histórico dos povos afro-brasileiros.

A escrita literária afro-brasileira veio reivindicar um lugar para o negro na história, pois houve períodos em que a literatura tida como oficial, sequer concedia ao sujeito negro a condição de ser humano. Agora sobre o prisma da literatura negra, o negro está sendo visualizado como ator principal é protagonista de suas experiências historicamente constituídas. Tal produção procura afastar-se de uma história contada a partir da perspectiva do branco explorador e escravista. E ao mesmo tempo, pretende elaborar uma escrita literária negra que eleva positivamente a cultura afro, seus símbolos e sua língua.

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando às máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das idéias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar. (DUARTE *Apud* CN 1, 1978, p.6).

O posicionamento acima expresso pelos militantes do Caderno Negro, só vem ratificar e despedaçar das amarras dos grilhões da escravidão. Isso demonstra que o povo negro está consciente da importância de sua cultura e vislumbra por meio das letras distinguir-se do modelo de escrita e posicionamentos atribuídos a ele, pelas escrituras elaboradas pelo branco. Nesta perspectiva de afirmação da cultura do povo negro, pode-se destacar o posicionamento de Duarte quando este analisa a nova postura dos afrodescendentes na busca de promover a, “*ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco*”, (2008, p.02), objetivando a configuração de, “*uma nova ordem simbólica*”, (2008, p.02), que expressa a “*reversão de valores*”, (2008, p.02). Ao cair das máscaras, este povo renasce e passa a enfrentar o jugo do colonizador, por meio, da avocação da identidade e da afirmação enquanto povo de origem afro-brasileira, sendo este espírito conduzido pela literatura negra.

A escrita literária negra é bem recente, quando nos referimos a uma escrita comprometida. É bom ressaltar que, a literatura negra, faz-se enquanto tal, a partir do momento em que toma para si o fazer histórico dos povos afro-brasileiros, exaltando-os e reconstituindo sua imagem. Assim, como expõe a intelectual Duarte (2008: 67):

[...] não se pode ignorar autores como Domingos Caldas Barbosa, Lima Barreto, Solano Trindade, Luís Gama e Maria Firmina dos Reis, que certamente confirmam que desde o século XVIII já existia uma literatura negra, conforme diz Eduardo de Assis Duarte: “não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa”. Mas só a partir

da década de 50, inspirada pelos movimentos negros dos Estados Unidos e da França, a literatura negra no Brasil passa a ter maior visibilidade na sociedade, e é usada também como instrumento de denúncia contra o desrespeito aos direitos sociais dos afro-descendentes, além de ter demonstrada também sua qualidade literária intrínseca.

Por isso discutimos que a literatura negra passa a ter maior amplitude e aceitabilidade a partir das lutas do movimento negro espalhado por todo o país. Esta empreende ações que objetiva a promoção para igualdade étnica racial e social, onde forja um lugar para o afro-brasileiro como agente de transformação e comprometido com seu fazer histórico, sem que para isso, tenham outras vozes, que os guiem e digam o que são e quem serão. Pois é sabido que a literatura produzida em distintos momentos do Brasil sobre o negro, quase que, sem nenhuma exceção, os apresentava por estereótipos negativos retratados pelos vencidos.

Podemos descrever que a dominação de um povo, não passa necessariamente por deixá-lo trancafiado e utilizar-se de instrumentos de torturas. Também exerce a dominação por negar a cultura do negro, tentar apagá-lo na história, por meio de teorias raciais, para assim, justificar a superioridade, este posicionamento tem característica de dominação. Tais práticas promovem feridas profundas, que não são representadas pelas chibatadas, mas por hematomas deixados na história de um povo, embora saibamos que o povo afro-brasileiro tenha conseguido resistir e se ressignificando na história, e os ranços do escravismo serve de subterfugio para luta cotidiana por respeito.

A perspectiva das políticas afirmativas parte do pressuposto de promover a inclusão social e o respeito à diversidade. Nesse sentido, forja-se um ambiente de luta para os povos afro-brasileiros em função do efetivo cumprimento da cidadania, garantindo tanto direitos sociais quanto econômicos, sendo que tais lutas os permitem organizar-se socialmente e desenvolver/ampliar seu espírito de pertencimento à cultura afro. Sob o texto literário em sua relação com as políticas afirmativas Rodrigues discute que (2011, p.238):

[...] no caso particular da análise do texto literário em relação às ações afirmativas, interessa observar como a literatura representa a situação histórica, social, política e econômica da nação e como a diversidade cultural nela se estampa. Essa observação, pela possibilidade de focalizar os referidos fatores sócio-político-culturais relacionados com os distintos grupos sociais, pode ser de grande importância no presente cenário e ter aplicações sumamente interessantes, inclusive na prática educativa, porque, como diz Gnisci (2000: 347), “ajuda(m) a interpretar de maneira mais útil e prazerosa o alcance cívico dos textos literários e também a ampliar o mais possível nossa visão

de mundo”. Nesse, sentido, além de estarmos ouvindo a própria voz do povo afrodescendente (interessados nas políticas afirmativas), estaríamos, de fato, procedendo a inclusão dessa voz no coro das outras vozes da sociedade.

Ao falarmos de ações afirmativas, ao mesmo tempo, estamos ouvindo o ecoar das vozes do povo afro-brasileiro. E ao escutar a sonoridade produzida por esse povo, caminhamos para promoção da inclusão destas vozes, atrelando-as ao conjunto de tantos outros sons, em busca da promoção da igualdade sócio-político-cultural. Nesse sentido, a literatura negra traz o sujeito negro, não representado apenas por questões fenotípicas, mas embarca no contexto das características culturais, experiências, consciência enquanto cidadão e a própria valorização da negritude. Nesta escrita literária, prevalece a luta pela afirmação e pelo reconhecimento social.

Entendemos que, quando se fala em inclusão, pressupõe que se trilha um caminho para igualdade, mas em contra mão, quando há discriminação subtende-se que há exclusão do diferente. Assim, a pretensão das ações afirmativas é promover a inclusão social de grupos considerados socialmente desprestigiados nos espaços sociais e combater a discriminação. A ideia fundante para estes problemas parte da transformação da mentalidade social, por meio da observância da nova realidade que finque bases no respeito e na inclusão, para a promoção da igualdade entre os povos.

Até o presente momento foi possível observar que a produção literária negra perpassou pelo menos por dois momentos distintos: 1º – o negro estava representado por características que o marginalizava, eles eram encarados como objetos, selvagens e sujeitos a históricos; 2º – o negro apresenta-se como sujeito construtor de história. Nesta perspectiva, ele se figura como sujeito da ação e comprometido com a afirmação do povo e da cultura afro-brasileira.

Diante do que foi exposto no texto, compreendemos a importância da escrita literária para discussão do negro como agente histórico na escrita de Oliveira Silveira, mesmo essa produção tratando de fatos “ficcionalis”, o autor fala de um lugar social e de suas experiências constituídas, embora não se utilize métodos historiográficos para o desenvolvimento da narrativa, tratando de contextualizar o meio em que seus personagens estão imbricados. Pensamos dessa forma, ao nos depararmos com obras de Luiz Gama e Machado de Assis que contribuíram com sua escrita para o desenvolvimento de uma literatura engajada na temática afro-brasileira.

## CAPÍTULO II

### POESIA DE OLIVEIRA SILVEIRA: uma contribuição para inclusão da cultura afro-brasileira e africana para o currículo escolar

Nossa pretensão, ao desenvolver este estudo, é refletir sobre como Oliveira Silveira, ao escrever seus poemas, ver posições, quanto à importância do negro enquanto agente social, que são afirmadas na lei 10.639/03. Esta se torna obrigatória para a educação de base no ensino de história e cultura africana nas escolas. Desse modo, posicionaremos a cultura e história do povo negro no centro do debate, trabalharemos com alguns livros de Oliveira Silveira, identificando na sua escrita aspectos sociais e culturais que valorizam a história do povo afro-brasileiro e, ao mesmo tempo, promovendo a educação e o respeito para a diversidade étnico-racial.

As obras de Oliveira Silveira<sup>11</sup> possibilitam entender as questões étnico-raciais, contribuindo de forma para uma educação democrática. A obra passa a repensar as práticas, os valores e os saberes do povo afro-brasileiro. Dessa forma, compreendemos que Oliveira Silveira educa para as questões étnico-raciais, pois sua poética promove o respeito à diversidade cultural do povo negro e o atribui condições de sujeito e agente de ação. Na proporção que educa para as questões étnico-raciais, promove fissuras no imaginário estereotipado e negativo, produzido na historiografia sobre o negro no Brasil.

Oliveira Silveira apresenta o negro como agente social, buscando assim emancipá-lo, atribuindo-lhe características de sujeito histórico. Observamos isso na poesia, Vinte de Novembro (2012, p.171):

Dia vinte de novembro,  
Entre as palmeiras do Palmar,  
Ultimo grito de guerra no ar.  
Dia vinte de novembro,  
Entre as montanhas do Palmar.  
Os duros músculos do herói  
Guiando seu braço ágil  
Na luta desigual  
Dia vinte de novembro,  
Entre os riachos do Palmar,  
O sangue-húmus de Zumbi  
Derramando-se ao chão

---

<sup>11</sup>As obras escolhidas para serem analisadas: Anotações à margem: *Modelo da cor escura e Linda la negra*, Banzo, saudade negra: *Negro só sabem fazer* e Roteiro dos Tantãs: *encontrei minhas origens* e Resgate e Poemas de liberdade: *poemas sobre palmares*.

Para fertilizar.  
Dia de novembro,  
Entre as margens do Palmar,  
Tambores de orgulho e brio  
Conclamando a lutar.

A data 20 de novembro representa um marco de conquista para o povo negro. Nessa data se comemora o dia da Consciência Negra, um momento de relembrar a memória daqueles que doaram suas vidas pela liberdade dos negros, exemplo disso, Ganga Zumba e Zumbi de Palmares. E ao propor essa data como símbolo de resistência negra, Oliveira Silveira apresenta o negro como sujeito sócio histórico. Diante disso, entendemos que a escrita de Oliveira Silveira antecipa a lei 10.639/03, sobretudo, acreditamos que a lei 10.639/03 é um marco para a discussão da temática Africana e Afro-brasileira. Vale salientar, que, mesmo antes da aprovação da Lei, o Movimento Negro, militantes e intelectuais, já vinham desempenhando lutas para o reconhecimento e a inclusão da temática afro nos projetos políticos-pedagógicos das escolas no Brasil. Sabemos que em momentos anteriores à lei, naturalizaram-se discursos nos quais associava o negro ao escravismo. Percebe-se que sua história foi relegada ao esquecimento, apagamento e levando ao silenciamento. As próprias instituições de ensino não estavam preparadas no desenvolvimento de um ensino que prime em apresentar a África e seu povo sobre aspectos positivos. Isso motivado pelo fato que a escrita historiográfica do Brasil centrou no modelo eurocêntrico, em que se pensou uma história da elite como base educativa para os Brasileiros, em contramão disso, a história da África e da cultura afro-brasileira ficou subordinada ao último plano.

É nesse sentido que devemos compreender a história e a cultura do povo negro em alguns livros de Oliveira Silveira como indícios que demonstram que o autor desenvolve em sua escrita um debate para a promoção das questões étnico- raciais. Diante disso, procuraremos identificar como seus poemas contribuem para a educação étnica racial.

## **2.1 Contextualizando a educação no Brasil**

A educação é um elemento de extrema importância para a constituição de uma sociedade. Ela é essencial para a conquista do desenvolvimento sócio-econômico de um país. Porém, uma reflexão acerca do ensino no Brasil nos revela que a educação foi implantada para atender um público homogêneo, uma vez que foi instaurada pela a elite branca, a qual buscou forjar uma nação única, sem considerar as diversidades e disparidades humanas.

A historiadora Veiga<sup>12</sup> ressalta em seu artigo, “*Escola pública para os negros e os pobres no Brasil: uma invenção imperial*”, que o ensino no Brasil é possível identificar que a educação no nosso país foi pensada para atender um público homogêneo, especificamente no tocante à elite branca, esquecendo-se que nas terras brasílicas já existiam índios e, posteriormente, negros foram trazidos da África. Uma das primeiras iniciativas de educação nas novas terras foi promovida pelos Jesuítas, estes tentaram ensinar aos índios a cultura dos brancos, ao mesmo tempo em que buscavam incluí-los, acabavam excluindo-os, pois tentavam incorporar elementos do dominador e, por conseguinte, eliminar a língua e a cultura desenvolvida pelos nativos.

Por mais de 300 anos, os negros trazidos para o Brasil foram visualizados negativamente por terem sido escravizados, isso os rendeu estereótipos que culminou em preconceito, racismo e discriminação. Essas atitudes têm um efeito negativo sobre o outro, no entanto quem as promove nem sempre se reconhece enquanto praticante. Tal posicionamento acarretou prejuízos históricos para as demais etnias, especificamente a Africana e a Afro-brasileira.

As discussões sobre o negro é fruto de um passado tradicional que construiu um lugar para o branco e outro para o negro, sendo que o lugar do negro está impregnado por estereótipos, que são de negação da sua cultura. Importado como mero objeto de trabalho, o Negro não fora contemplado com educação, o seu não acesso a escola remete-se pelo menos a três limitadores: A imagem do negro estava associada à escravidão, precocemente já estava inserido no mercado de trabalho e diferenças sociais históricas impediam o seu acesso.

Foi só mediante a constituição de 1824 que, segundo Veiga, houve a implementação da escola pública elementar para todos os cidadãos brasileiros, porém é válido lembrar que os escravos não eram considerados cidadãos brasileiros, isto é, não tinham participação política, e, por isso, eram vedados a terem aulas públicas. Os poucos negros que tiveram acesso à leitura, tiveram por intermédio da escola particular custeada pelos seus senhores.

Dessa forma, fica explícito que a educação pública brasileira no seu princípio foi pensada para atender as elites que direcionavam o poder político e econômico, isto remetendo mesmo a educação do período imperial. A Escola Pública que foi pensada no Império buscava alternativas para se forjar uma nação única, homogênea, sem considerar as diversidades e disparidades humanas. No período Imperial e início da República houve transformação para a educação, mas algo não estruturante ou profundo, ainda persistiam velhas estruturas sociais.

---

<sup>12</sup> Artigo disponível na revista brasileira de educação, v.13. nº39. Set/dez 2008.

A educação formal continuava restrita a elite, enquanto que a educação para escravos ou ex-escravos estava restrita ao processo produtivo. Neste sentido, a ideia de escola centrou-se em uma educação voltada para a supervalorização do herói branco, como por exemplo, a Princesa Isabel e o Duque de Caxias.

Para Ferreira, o próprio ensino público era excludente, não existia nele a história feita pelos povos negros como: Príncipes, Reis e Autoridades africanas, estes não eram incluídos nesta história dita oficial. É importante destacar que a história oficial faz parte de um momento em que se apregoava o pensamento teórico positivista, este se caracteriza pelo “*fetichê*” do documento, por uma história direcionada as elites, pela ênfase na cronologia e por destacar fatos políticos institucionais<sup>13</sup>.

O ensino escolar da alta elite centrava-se em naturalizar o discurso do branco, ou seja, o discurso oficial daquela época. A escola, por sua vez, como agente ideológico, incorpora este posicionamento forjando uma educação monocultural, etnocêntrica, excludente e racial. No entanto, a escola é para ser um lugar de construção de saberes e identidades. Ela é um espaço da diferença, mas também pode ser um lugar da igualdade, isto levando em consideração o ensino e o respeito para com todos, sejam eles alunos brancos ou negros. Diante do exposto, é possível destacar que a discriminação étnica e racial é fruto de um processo histórico de longa data, e que se prolongou ao longo dos tempos produzindo efeitos mesmo na atualidade. Pensamos que a educação deve promover igualdade entre os homens como pontua a escrita do movimento negro Unificado, concordando com as ideias de Rocha (2010, p.09):

A educação deve ser um instrumento de libertação e não de alienação do povo. Portanto, devemos lutar pela transformação não só da estrutura, como dos conteúdos do sistema educacional brasileiro, exigindo a colocação, no mesmo nível da história europeia, a história da África, assim como ênfase sobre a participação do negro, do índio na formação sócio-cultural do Brasil.

A citação vem demonstrar o quanto a estrutura educacional brasileira foi fincada em valores europeus, os quais denegam a existência de outros povos, que também como eles foram responsáveis pela formação sociocultural da nação. Os negros, como elemento constituinte do Brasil, por centenas de anos, foram visualizados por uma elite racista, como figuras unilaterais, passivas e pacíficas, agentes sem participação histórico-social.

---

<sup>13</sup> Ferreira, Lúcia de Fátima Guerra. “Balanço da nova historiografia paraibana”. In. *Debates Regionais*. Nº 2, 1995, pp. 112/118.

A pesquisadora Fonseca<sup>14</sup> apresenta em suas discussões estudos que explicitam que os negros erradicados no Brasil não eram tão passivos e pacíficos como se perpetuaram nas escritas tradicionais. Eles resistiram de diversas formas: houve fugas isoladas, abortos, suicídios, formação de quilombos e participação em movimentos abolicionistas. Organizar-se era preciso, a organização entre os afros brasileiros foi tão imprescindível que até no presente eles continuam lutando socialmente em busca de seus direitos historicamente negados.

Árdua foi e ainda é a luta que o povo negro vem travando para conquistar seu espaço em meio a uma sociedade racista e impregnada de preconceito. Assim, uma das formas que encontraram para dar continuidade à conquista de seus direitos foi a formação de agrupamentos, objetivando a garantia de benefícios antes negadas, como, por exemplo, o acesso a escola-educação. Portanto, foi e continua a ser por meio de organizações que buscam resgatar a cultura negro-africana brasileira, como exemplo de alguns organismos de iniciativa negra, como podemos citar a Frente Negra Brasileira (FNB) e o Teatro Experimental Negro (TEN). A Frente Negra Brasileira, segundo Ivonildes Fonseca resultou no “primeiro movimento político de massa do povo negro no Brasil pós-abolição: a Frente Negra Brasileira” que vai de 1831 a 1937. Por ser considerada ilegal pela ditadura do Estado Novo, figura com o nome “União Negra Brasileira até 1983”, (FONSECA, 2010, p.85). De acordo com Fonseca e Rocha, o Teatro Experimental Negro teve sua fundação no Rio de Janeiro, no ano de 1944. Nas palavras de Nascimento, “foi o primeiro elemento do movimento afro-brasileiro a ligar, na teoria e na prática, o conceito intrinsecamente político da afirmação e do resgate da cultura negro-africana brasileira, com a atuação política ostensiva” (2010,p 188).

A questão educacional sempre fez parte da pauta de reivindicações das organizações negras, os casos mais emblemáticos são os da Frente Negra Brasileira e do Teatro Experimental Negro, o primeiro foi fundado em 1931, era dirigido por um Grande Conselho, devido a forte aceitação transformou-se em um partido em 1936 e foi fechado em 1937 no Governo de Getúlio Vargas no período do Estado Novo. O segundo foi fundado em 1944 e dirigido por Abdias Nascimento, o objetivo era valorizar o negro no Teatro e desenvolver uma nova perspectiva dramatúrgica. Segundo Barbara Souza e Edileusa Souza, “o teatro Experimental Negro, foi a primeira instituição a promover educação de jovens e adultos deste país” (2008, p.15).

---

<sup>14</sup> Professora Doutora. Ivonildes da Silva Fonseca, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/Campus de Humanidades/Guarabira-PB. Estudo apresentado em seu artigo, “Movimento Negro da Paraíba: breve histórico, no livro População Negra da Paraíba: educação, história, política, 2010.

## 2.2 A lei 10.639/03 para educação étnico racial

Percebe-se que as reivindicações por uma educação inclusiva e de visibilidade para a história e cultura dos povos afro-brasileiros fazem parte de lutas históricas do povo negro. Após lutas e tensões, conquistas vieram, a mais emblemática foi a lei 10.639, esta foi sancionada em 09 de janeiro de 1993, pelo então Presidente Luíz Inácio Lula da Silva<sup>15</sup>. A referida lei preconiza que as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio estão obrigadas a oferecerem o ensino da história da África e da Cultura do povo Afro-brasileiro. A mesma altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional– LDB<sup>1</sup>, que agora no seu artigo 1º passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B. E por meio do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF, a partir da Resolução Nº 1, de 17 de junho 2004, institui-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Podemos afirmar que o desdobramento da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e o Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172, de 09/01/2001) de certa forma culminaram a lei 10.639/03, mas os esforços coletivos dos povos Afro-brasileiros, pelo conhecimento de seus direitos sociais à educação, conforme preconiza o Art. 205º da Constituição de 1988, onde estabelece que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, ou seja, todos terão acesso à educação. O processo histórico da educação no Brasil não era para todos e nem responsabilidade do Estado. Para que essas conquistas chegassem a esse patamar e fossem reconhecidas como direito fundamental, foi preciso lutas, tesões e debates, principalmente entre aqueles para os quais a educação foi relegada, digo, povos afro-brasileiros.

Diante da proposta a implementação da lei e das diretrizes, podemos dizer que estas contribuem positivamente como mecanismos de afirmação e valorização da identidade, da memória, dos valores e da cultura do negro. Porém, é oportuno afirmar que as transformações legislativas são frutos de lutas e resistências históricas, empreendidas pelos povos negros e militantes, não foi medidas unicamente advindas da benevolência dos poderes públicos. E mesmo havendo direcionamento de recursos públicos para o desenvolvimento da educação para as questões étnicas raciais, estas ações ainda estão em fase incipientes, pois sua efetiva aplicabilidade é complexa e requer um longo processo para reverter déficit histórico, ao qual a

---

<sup>15</sup> O presidente neste período em que a lei foi sancionada.

cultura negra foi relegada. Gomes exemplifica a importância da lei 10.639/03 para os estudos da diversidade étnica racial: (2009, p.42):

O papel indutor desta Lei como política pública aponta para a ampliação da responsabilidade do Estado diante da complexidade e das múltiplas dimensões e tensões em torno da questão racial. Nesse processo, o conjunto de direitos negados à população negra e reivindicados historicamente pelo movimento negro e legitimação da questão racial nas políticas públicas das áreas da saúde, trabalho, meio ambiente, terra, juventude, gênero. Dada essa interrelação, a implementação da Lei 10.639/03 – entendida como Lei da Diretrizes e Bases da Educação Nacional – poderá instigar o Estado para a implementação de políticas públicas que garantam a totalidade dos direitos da população negra.

Como percebemos na citação acima, o caráter fundamental da lei 10.639/03 é acabar com a dívida histórica que o Brasil tem com os afros brasileiros e, em suma, responsabilizar o estado do seu dever social em garantir o lugar do negro na História, com a tentativa de erradicar déficits históricos para a história e cultura do povo afro-brasileiro. Podemos inferir que a discussão para a educação étnico-racial, perpassa por um diálogo mais aprofundado, estas questões precisam ser debatidas com a sociedade, na escola e ter o efetivo apoio do poder público. Desse modo, o objetivo fundamental seria desenvolver projetos de políticas públicas voltadas para a educação que contemple a diversidade. Conforme *Adão Francisco de Oliveira, texto política pública concurso Dr Severiano*, o melhor termo que define políticas públicas, por conta de seu caráter didático, é o desenvolvido por Azevedo (2003), a partir da articulação entre as compreensões de Dye (1984) e Lowi (1966). Nesse exercício, Azevedo (2003, p. 38) definiu que “*política pública é tudo o que um governo faz e deixa de fazer, com todos os impactos de suas ações e de suas omissões*”. Partindo da etimologia da palavra, políticas públicas significa à participação do povo nas decisões da cidade e do território.

Nesse sentido, podemos afirmar que a lei 10.639/03 é uma ação de política pública do Governo Federal e que irradia por outras esferas públicas, pois a Lei não está se omitindo em reconhecer o direito dos povos afro-brasileiros de terem e contarem sua história. Diante dos fatos, entendemos que a Lei representa uma política pública que está se empenhando para garantir o direito à Educação, mas uma educação que preconize o respeito para com a diferença. Logo, ela objetiva, por meio da educação, superar o racismo e promover um ensino para as relações étnico-raciais sob uma perspectiva de maior amplitude e que esta seja inclusiva.

A Lei 10.639/03 se enquadra positivamente no cenário educativo brasileiro, pois foi por meio dela que a cultura e a história dos afro-brasileiros puderam ser contadas, saíram do silêncio, estão produzindo sons nos currículos escolares e passaram a ter maior relevância nas próprias experiências de vida desse povo. Vale destacar que a história do povo afro-brasileiro já vinha sendo exposta em salas de aulas, mesmo anterior a formalidade da lei, mas o ensino da história da África e da cultura dos afro-brasileiros era praticado por grupos isolados de militantes. Um limitador para que a história, a cultura, as práticas e os valores desses povos não fossem expressos de forma unânime por todas as escolas e todos os professores, é pelo fato de que a educação pensada no Brasil formou-se a partir das perspectivas eurocêntricas.

Embora consideremos os aspectos positivos da lei, também percebemos alguns limitadores em sua proposta, mesmo após onze anos de sua aprovação, ainda não se percebem ações mais efetivas dos órgãos públicos e muitos dos professores ainda se encontram despreparados para ministrar a temática e não estão atentos com o que preconiza a lei e suas diretrizes. Percebe-se que o que é processado sobre a temática são ações pontuais, parece que a história do povo negro no Brasil, limita-se ao 13 de maio e ao 20 de novembro, sempre atrelado a aspectos do escravismo. A própria lei empenhou-se em preconizar uma educação para as questões raciais de forma continuada, ou seja, durante todo ano letivo propõe também atividades pedagógicas que discutam a cultura e a história do povo afro-brasileiro.

A proposta da lei é contemplar o ensino da história da África a partir de seus elementos culturais e históricos e em contrapartida superar uma história contada só a partir do escravismo, das datas comemorativas, do folclore e da concepção eurocêntrica. O intuito dela é construir novos paradigmas de educação para as relações étnico raciais no país. Desta forma, reconhece que o Brasil é constituído pelas diferenças, pelas pluralidades culturais, raciais e étnicas. Diante dos fatos, entendemos que o propósito da Lei é dar visibilidade a história da África, dos Africanos e dos Afro-brasileiros, buscando assim, ressignificar a história deste povo e desenvolver mecanismos para a efetiva aplicabilidade da educação como promotora do respeito para as questões étnico-raciais.

Educar para as questões étnico-raciais se configura como uma forma de superar conceitos cristalizados que pressupõem o negro como inferior. Nesse sentido, visualizamos a Lei, as diretrizes e as ações do Movimento Negro como instrumentos que podem ampliar as discussões sobre as questões raciais, mas no sentido de promover equidade nas relações étnicas. Desse modo, acreditamos que a escola como espaço social possa rever práticas historicamente construídas de negação do povo afro-brasileiro. Em consonância ao pensamento de Gomes (2009, p.11):

A discussão sobre a questão racial em específico e sobre a diversidade, de maneira geral, ganhou um outro fôlego na sociedade brasileira do terceiro milênio. Um processo construído devido a mudanças na reconfiguração do pacto social brasileiro, impulsionado pela luta dos movimentos sociais – dentre estes, o Movimento Negro – na cena pública nacional. Essa situação impõe novos desafios para a luta pela emancipação social no Brasil e para a construção de uma educação ou de uma pedagogia da diversidade. Nesse processo tenso, todos os setores sociais são chamados a se repensar. A Escola é um deles.

Concordamos com a escritora Gomes, a respeito da importância do movimento negro para as questões raciais, porque é a partir deste que os estudos sobre a história da África e da Cultura afro-brasileira crescem no cenário nacional. Tal particularidade ganhou força pelo empenho que os movimentos negros, atrelados a militantes vêm travando a favor de repensar as questões raciais no Brasil. País este, de vasta extensão territorial e também que se destaca por ter suas raízes em sangue, braços e suor negro, país marcado pela diversidade multirracial, com destaque específico para o povo de descendência africana, trazidos para esta terra no período colonial, mas que nem sempre foram reconhecidos como membros constituidores dessa nação. Diante disso, em meio ao apuro histórico de presença negra nestas terras, é que grupos de intelectuais pretendem reconstruir um lugar para os afro-brasileiros, enfatizando novos aspectos de sua história, trazendo-os para serem agentes de transformação e desta forma contribuir para o fortalecimento da identidade deste povo. Nesse sentido, estamos convictos de que a escola pode ser a instituição que dê o pontapé inicial para repensar as construções imagéticas e discursivas difundidas sobre os afrodescendentes.

É no sentido da ampliação dos estudos da história e cultura dos afro-brasileiros que as leituras que se fazem no presente afastam-se da perspectiva homogeneizadora, em que atribuíam a este povo características negativas, considerando-os selvagens, a-históricos e inferiores. Estudos recentes, assessorados pelas forças da lei 10.639/03 e pelos próprios movimentos sociais negros acabam influenciando a análise da história da África e dos afro-brasileiros, a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva. Assim, partindo da visão engajada e de luta em favor do reconhecimento do ser negro como agente de transformação, é que trabalharemos alguns poemas de Oliveira Silveira, este militou pelas questões étnico-raciais. Nesse sentido, o intuito deste debate é verificar como as poesias de Oliveira Silveira promovem a educação para as questões étnicas raciais.

## 2.3 A escrita de oliveira Silveira

Podemos afirmar que Oliveira Silveira educa para as questões étnico-raciais, a partir de suas poesias. Fazemos essa afirmação levando em conta dois motivos: 1º ele apresenta a história de seu povo, a partir de suas próprias experiências de vida; 2º não se dobra aos ditames de uma educação homogeneizadora, embora, a priori, sua escrita não seja voltada para educação étnico-racial. Entendemos que sua escrita promove o negro, pois ele apresenta o negro como sujeito histórico e consciente de sua negritude, com isso, seus escritos afastam-se da pedagogia europeizante de contar os fatos históricos a partir de uma história única. Ele desenvolve sua poesia como forma de contestar a escrita da história universal e ampliar o caminho para se contar a história dos afro-brasileiros. Nesta perspectiva Oliveira Silveira escreve em seus poemas: Banzo, saudade negra (2012, p.277):

### NEGROS O SABEM FAZER

Ritmo  
sabemos fazer  
amor  
fazemos bem  
esporte  
muito sabemos  
poemas  
também compomos  
liderança  
também temos  
políticos  
também somos  
religião  
bem praticamos  
- e até educar educamos.  
Outrora reprimido potencial  
afloramos agora – força viva –  
porque chega nossa vez.

Observa-se que Oliveira Silveira escreve um poema de exaltação de seu povo, da sua cultura e das suas práticas. Ele está dizendo um dia lhes tentam dar líderes, políticos, religião e educação. Mas não sabem eles, que nós já os temos e, além do mais, somos melhores ainda no ritmo, no amor e no esporte. Se nossa voz só aos poucos foi saindo em centenas de anos, isso era porque estávamos preparando o caminho para que nossa potencialidade aflorasse com mais força. A escrita de Oliveira Silveira é clara, pois reativa, em seu discurso, as diversas vozes negras que foram esquecidas no processo histórico, ao mesmo tempo convidando ao leitor a reconstruir essa história a partir dos povos afro-brasileiros.

Percebemos que a poesia desse escritor é marcada por significados que valorizam o povo negro e que ressignifica sua história. Este povo, mesmo diante dos obstáculos, não desistem, os transpõem e voltam com mais gana de luta, na busca de reafirmarem-se enquanto descendentes de Africanos e, em contrapartida, reagem contra as vozes que os diminuem. É constante a luta para se reconhecer a identidade negra. Neste sentido, entendemos que Oliveira Silveira é mais um dos destemidos lutadores pela afirmação das questões étnico-raciais. Vejamos no Livro: Roteiro dos Tantãs, (p. 146):

#### RESGATE (DÉCADA 60)

Tua dívida foi-se armazenando  
 sob tua pele branca.  
 Agora vim cobrá-la  
 a peso de ouro  
 e com juros de mora  
 - quero teu coro!  
 Vocês se melindram,  
 se queixam  
 que fazemos barulho,  
 que não éramos assim,  
 que estamos diferentes  
 e nós dizemos é  
 estamos bem mudado realmente.  
 Tanto tempo obediência,  
 paciência tanto tempo,  
 tanto tempo sendo Pai Tomás,  
 vontade de não ser.

O grande brado de Nat Turner  
 e outros irmãos, quatro séculos  
 reprimido, finalmente  
 explodiu.

Diante do exposto, nota-se que o poema de Oliveira Silveira parte de uma construção alternativa à história dita oficial, estereotipada, eurocêntrica e linear. Nesses escritos ele revela o que foi ocultado, possibilitando assim, reconstruir uma outra perspectiva de escrita para os grupos étnicos afro-brasileiros. Nessa perspectiva, os descendentes de africanos são os sujeitos da ação e os que resistiram ao processo do escravismo. O negro em Oliveira Silveira é um sujeito dono de si, aquele que se impõe e que está cobrando a dívida ao branco, por mais de 400 anos de exploração. O Negro não é o sujeito passivo, dócil como se afirmou a teoria da democracia racial, os laços entre brancos e negros sempre foram tensos e marcados por disputas. Segue Oliveira Silveira, construindo a imagem do negro resistente, aquele que

reagiu de forma coletiva ou individual, por meio do silêncio ou de gritos pela liberdade. Trechos do livro, poemas sobre Palmares (2012,p.109):

Para Palmares veio negro  
que não gemia nos açoites.  
E pelo mato escuro veio o negro  
Que se escondeu na própria noite.  
Pela selva fechada veio negro  
Para quem o Palmar foi clareira.  
No rastro uns dos outros vieram negros,  
cães acuados farejando o cheiro.  
E negro roubado a esmo  
do cativo para a liberdade,  
do senhor para si mesmo.

\*

Guerreiro de Zumbi  
não se vendiam nem compravam  
combatiam  
pela liberdade que se davam.

\*

A bravura guerreira de Zumbi  
resistindo até o último alento  
de luta, até o último lume  
de vida, até a última chance  
de exemplo.

\*

- e vejam só como a gente era dócil,  
humilde e serviçal!-

Por meio do poema, percebemos que Oliveira Silveira lança mão de artifícios literários para questionar posicionamentos sociais e políticos de negação do povo negro. No poema acima, o negro é pensado como astucioso e resistente: resistiu ao castigo físico e utilizou-se de fugas para garantir sua liberdade. Para eles, está no quilombo representava o quebrar dos grilhões, uma vez desvencilhados dos ferros, lutavam com bravura, doavam suas próprias vidas em função da liberdade de si e de seus irmãos. Palmares era sinônimo de liberdade, lá não se tinha chibatadas. Para Oliveira Silveira, Quilombo expressa toda luta e conquista negra. Quilombo não tem um sentido unívoco, como se pretendia a história oficial. Quilombo é o povo negro, suas práticas e manifestações. Quilombo é a lei 10.639/03. Quilombo é o Movimento Negro. Quilombo é a luta do povo negro por liberdade. Quilombo é Zumbi. Quilombo são os afro-brasileiros.

A postura de Oliveira Silveira demonstra um viés de educação para a diversidade étnico racial, pelo fato de que ele conta a história do povo negro, a partir de suas próprias práticas e

vivências. Desta forma, sai da máxima eurocêntrica, que atribuía aos negros a condição de inferior, humilde, servil e dócil. Como foi possível observar, o negro nunca foi passivo, lutou por sua liberdade e na atualidade ainda empreende lutas pelo reconhecimento da dignidade humana.

A pretensão da poesia de Oliveira Silveira é desconstruir a visão harmônica entre brancos e negros que se pretendeu divulgar no Brasil, a partir das obras de Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala 1933, nas quais se fundamentava que o nosso país estava passando pela democracia racial, defendendo que as diferentes etnias viviam em laços de amizades, sem conflitos e divergências. Como já foi possível observar na poética de oliveira Silveira, divergências, lutas e resistências foram muitas. Para afirmar a cultura de um povo que por centenas de ano foi marginalizado da história, ainda vai ser preciso derramar muito suor.

Assim, é no sentido de valorar a cultura, as práticas, as vivências e as experiências dos afro-brasileiros que Oliveira Silveira atribui ao povo negro a condição de protagonista, mas aquela que não os coloca como vítimas. Ele desconsidera que as características fenotípicas sejam geradoras de desigualdade. Diante deste posicionamento, trabalha as diferenças culturais como uma forma de afirmar a cultura, as características do povo afro-brasileiro. Sabemos que Oliveira Silveira trabalha no sentido de valorar o povo afro-brasileiro, então perguntemos a ele, o que é ser belo? Tirado do livro: Anotações à margem (2012, p. 99- 102):

MODELO COR ESCURA VAI PASSANDO (MANEQUIM COR ESCURA VAI PASSANDO).

É primavera-verão,  
outono-inverno...a estação  
querendo ser toda tua.  
O sol, a sombra, a cidade,  
cores vivas, cores cruas.  
E a tua beleza negra  
na passarela da rua.

Porto Alegre, 1982

\*

LINDA LA NEGRA

Negra bonita:  
cabelo puro  
penteado negro,  
a pele escura,  
olhada forte  
com um sorriso  
para seu negro  
o negro dela.

Negra bonita  
a minha.  
RS 509, 1993

Para Oliveira Silveira, o belo é sua origem Africana, o belo é sua pele negra, o belo é seu cabelo pixaim, o belo é a sua negra, o belo são as características negroides que seu povo tem. Percebe-se que Oliveira Silveira atribui nos dois poemas uma nova roupagem para o ser negro. De acordo com a proposta eurocêntrica, o sinônimo de beleza é ter olhos claros, cabelos louros e pele branca. Ser negro se configura como sendo um sinal de feiura. A escrita de Silveira vem para quebrar estereótipos, ele apresenta o negro como altivo, belo, consciente de si e de sua negritude. Para Oliveira Silveira a beleza negra é tão bela que a própria natureza referenda a negra que passa na rua, negra esta, que ele tem por tua, seja na primavera, outono, inverno ou verão. Contudo, o cerne da obra de Oliveira Silveira não é expor a beleza negra em si, é afirmar a identidade negra e fazer com que este povo se assuma, orgulhe-se e se sinta negro.

Podemos dizer que Oliveira Silveira promove uma inovação em sua escrita, pois rompe com a perspectiva de embranquecimento sociocultural e com os estereótipos negativos atribuídos a população negra. E em contramão, busca ressignificar e valorizar os legados do povo negro. De fato, a escrita do auto rompe com as escritas literárias canônicas. Em sua obra não se constata a imagem do negro perpassando por aspectos negativos e depreciativos. Ao contrário, na obra de Silveira o negro ganha postura e voz, ele sai da perspectiva de “coitadinho” e transforma-se em sujeito independente de seu senhor. Em Silveira, o negro tem sonhos, objetivos e prestígio social.

Entendemos que Oliveira Silveira trabalha na perspectiva de educação para as questões étnicas, pelo fato de ele divulgar e militar a favor do reconhecimento da história dos afro-brasileiros, destacando suas particularidades, elevando seus valores, suas experiências, suas relações interpessoais e intergrupais, sua origem, seu modo de pensar e viver. Ele expressa o olhar do negro sobre si mesmo. O intuito de Silveira é afirmar a importância do povo negro e expor este debate na sociedade brasileira como sendo da ordem do dia.

Observa-se na poética de Oliveira Silveira que ele foi um militante ativo na afirmação das questões étnico-raciais. Por meio dos escritos, o referido autor leva o leitor a repensar o processo histórico ao qual o negro foi condicionado e acaba promovendo releituras dos caminhos percorridos pela população negra. Os poemas de Silveira estão dotados de consciência político-histórica, sua escrita tenta rever injustiças sociais cometidas contra a história da população afro-brasileira, ao mesmo tempo em que reivindica ações de afirmação

para a identidade negra, como inserção social, afirmação da cidadania e respeito a seus aspectos culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia de Oliveira Silveira apresenta a importância da cultura afro-brasileira e africana na formação da identidade sociocultural do Brasil. Esse é o contexto principal de suas poesias, elencando nas entrelinhas as confabulações e resistências do negro escravizado. A escrita trivial do referido autor trata de assegurar as vozes daqueles personagens silenciados pela história dos “vencidos”. O poema *Palmar* marca a importância da escrita militante do poeta, porque rememora a luta de Zumbi, dos negros fugidos que gritavam por liberdade, provoca no leitor a problematizar a história tradicional que significou os negros a figurantes mudos. Não obstante, para este escritor, o espaço da escrita literária lhe proporcionou a reivindicar o lugar dos esquecidos na história do Brasil, a protagonistas e personagens recalcitrantes que lutavam contra o processo de escravidão, por horas vencidos em outras horas, vencedores.

Nessa perspectiva, conjecturamos a importância do metier de Oliveira Silveira para lei Nº 10.639/03, que inclui a História afro-brasileira e africana nos currículos escolar das escolas públicas e privadas do Brasil. Desse modo, o autor que era negro e se afirmava enquanto tal no movimento negro, já reescrevia a história desses escravizados, muito anterior à lei supracitada, se tornando precursor na luta pela inclusão da cultura negra para promoção da educação étnico-racial. A produção literária do poeta possibilita aos marginalizados (negros) da história tornarem-se atores principais dos eventos históricos em detrimento dos vilões e heróis fabricados pela história oficial.

Por isso, acreditamos na importância do fazer literário de Oliveira Silveira para formação sociocultural da sociedade, porque a historiografia tradicional tem registrado nos livros de história, eventos históricos favoráveis da elite branca detentora desde a colônia dos poderes políticos e econômicos, sendo dessa forma disseminadora de ideologias contrárias aos grupos historicamente marginalizados, silenciando o negro nessa História.

O nosso objetivo centrou-se na discussão do diálogo entre a História e a Literatura, os espaços entre esses dois campos têm por finalidade construir o conhecimento, principalmente no que concerne à educação étnico-racial. Para tanto, tomamos como ponto de partida as poesias de Oliveira Silveira, buscando assim encontrar nelas elementos subsidiários para uma educação étnico-racial. Nesse sentido, resolvemos também analisar a lei 10.639/03 que legitima a importância dos estudos da História da África e da cultura do povo afro-brasileiro e torna essa obrigatória para educação de base nas escolas públicas e privadas.

Guiando-nos em Oliveira Silveira na forma de problematizar a História, compreendemos, a partir de sua poesia a qual se manifesta para além da margem literária, que o autor, na sua forma de escrever, contribui com uma educação Afro-brasileira, relembrando a existência de “outros” indivíduos/grupos que foram esquecidos. A ideia é evidenciar o cotidiano, o negro como sujeito histórico, abrindo a possibilidade de observar e entender a vida da população escravizada, numa “(...) *tentativa de ouvir o discurso dos sem voz, isto é, a gente ‘normal’, ‘simples’, ‘despolitizada’; o discurso da maioria silenciosa (...)*”.<sup>16</sup> Dessa forma, apresentando o outro lado da história que ficou nas entrelinhas.

Oliveira Silveira é um intelectual engajado, aquele que usa sua pesquisa para militância, pode até “estar fora de moda”, porém pensamos que não podemos esquecer que nossa pesquisa deve ter uma relevância social, se já não usamos nossos trabalhos para “fazer a revolução”, também não podemos nos abster da utilidade do nosso ofício de historiadores. Esse é o grande cerne da questão, fazer com que essa monografia chegue até o cotidiano escolar, para que professores e alunos conheçam Oliveira Silveira, o poeta negro que escrevia sobre os negros. A produção literária dele, que insiste em ser parte de nossos saberes e fazeres carrega palavras, mas até que ponto não está nos preocupando por demais com as palavras, palavra empoeirada, quando nos debruçamos sobre a leitura destes livros, tivemos medo de tanto lidar com discursos, não esquecendo-nos da materialidade, essa angústia foi se dissipando quando pudemos entender que discurso e práticas são interligados e que um não, necessariamente, anula o outro.

Compreendemos, portanto, que a literatura como esta de Oliveira Silveira representa um arcabouço histórico, que mesmo à margem da literatura é possível contextualizá-lo. Além disso, deve ser incluído na educação de base, posto que, as obras de Oliveira Silveira são poesias que apresentam a cultura afro ao leitor, desmitificando o conceito de superioridade do “branco” aos negros “vencidos que não resistiram à escravidão”. Não obstante, a literatura deste autor se insere na nova história, que reconhece a esses sujeitos como protagonistas da história. Portanto, aqui inicia um longo caminho para inclusão de outras narrativas de poetas negros e do movimento negro, esquecidos pela história pessimista.

---

<sup>16</sup> SILVA, Eduardo. *As Queixas do Povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1.998, pp. 26-27.

## Referencias Bibliográficas

ARANHA, Gervácio Batista . **Da Literatura Africana de Língua Portuguesa: diversidade étnico-racial em Luandino Vieira (angolano) e Mia Couto (moçambicano)**. José Luciano de Queiroz Aires (org.). Diversidade étnica-raciais e interdisciplinaridade: diálogos com as leis 10.639 e 11.645 – Campina Grande: EDUFPG, 2013, p. 273-294.

\_\_\_\_\_. História e Novas linguagens: a problemática da literatura como fonte. ( ver site).

\_\_\_\_\_. História e Novas Linguagens: A problemática da Literatura como Fonte, p. 1-11.

AUGUSTO, Ronaldo. **Oliveira Silveira: Obra reunida**. Porto Alegre-RS: Instituto Estadual do livro: CORAG, 2012.

BARROS, José D' Assunção. **O Campo da história: Especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Profa. Ms. Mariângela Monsore Furtado Capuano. A literatura afro-brasileira na sala de aula. XI Congresso Internacional da ABRALIC *Tessituras, Interações, Convergências*. 13 a 17 de julho de 2008. USP – São Paulo, Brasil, p. 1-6.

CHARTIER, Roger . **DEBATE: Literatura e História, p. 197-216**.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção**. LITERAFRO - [www.letas.ufmg.br/literafro](http://www.letas.ufmg.br/literafro), 2008,p. 1-10.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**. Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007.

FABIO B. JOSGRILBERG. Michel de Certeau e mídia: táticas subvertendo lugares ou lugares organizando táticas?, p. 15-24/ 10-03-2004, 14:21.

GOMES, Lino Nilma (organizadora). **Um olhar além das Fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

\_\_\_\_\_. Limites e possibilidades da implementação da lei 1.639/03 no contexto das políticas públicas em educação. ( ver site)ç

HATTNER. Alvaro A poesia Negra na Literatura afro-brasileira: Exercícios de definição e algumas possibilidades de investigação. **Terra Roxa e outras Terras**. Revista de Estudos Literários. Volume 17-A - ISSN 1678-2054. (dez. 2009), p 78 a 89

LIMA, Carina Bertozzi de. **LITERATURA NEGRA: Uma outra História**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 17-A (dez. 2009) [67-77].

LLOSA, Maria Vargas. **A VERDADE DAS MENTIRAS**; Tradução Cordelia Magalhães. – São Paulo: Arx, 2004, p. 11-26.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África nos bancos escolares. Representação e imprecisões na literatura didática. Ver o site

PROENÇA, Domício FILHO. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004, p. 161-193.

RIBEIRO, Alvaro Sebastião Teixeira. **História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Escola**. Brasília: Àgere cooperação em Advocacy, 2008.

ROCHA, Solange Pereira da, FONSECA, Ivonildes da Silva. **População Negra na Paraíba**. 1 ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

\_\_\_\_\_ **População Negra na Paraíba**. 2 ed. Campina Grande: EDUFCEG, 2010.

RODRIGUES, Sara Viola **POESIA NEGRA BRASILEIRA: REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E TRADUÇÃO CULTURAL**. Cadernos do IL.Porto Alegre, n.º 43, dezembro de 2011. p. 233-249. EISSN:2236-6385 <http://www.seer.ufrgs.br/cadernosdoil/> p. 233-249.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO- SÃO PAULO. **São Paulo: educando pela diferença para a igualdade**. 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **O núcleo notável e a “linha evolutiva” da sociedade e cultura brasileiras. Literatura como missão tensões sociais e criação cultural na primeira República – 2ª ed.**- São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 303-318.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves, BARBOSA, Silva Lucia de Assunção. **O pensamento negro em educação no Brasil**. São Carlos-SP: UFSCAR, 1997.

VEIGAS, Cyntia Greive. **Escola pública para os negros no Brasil: uma invenção imperial**. ( Revista Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de educação). V.13. nº39. Set/dez. 2008.